

**VAMOS FALAR SOBRE ELAS: AS MULHERES COM ALTAS CAPACIDADES***LET'S TALK ABOUT THEM: WOMEN WITH HIGH ABILITIES*Ana Paula Santos de OLIVEIRA<sup>1</sup>

**RESUMO:** estudos da literatura especializada na área das altas capacidades nos sinalizam a carência de pesquisas com a temática de adultos, ao afunilarmos para questões de gênero, mais especificamente ao se tratar de estudos com mulheres com altas capacidades, esse quadro se mostra ainda mais exíguo. As desigualdades de gênero são históricas e culturalmente instauradas, causando prejuízos para a vida de muitas mulheres ainda hoje, é nessa direção que o presente trabalho vai buscar, através de uma revisão sistemática, examinar o que vem se falando nacionalmente e internacionalmente sobre a temática, quais são os avanços, e encadeamentos na vida das mulheres com altas capacidades. As bases de dados utilizadas no estudo foram: *Education Resources Information Center* (ERIC), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos CAPES, a Revista Educação Especial e a Revista Brasileira de Educação Especial, compreendo um recorte temporal dos últimos vinte (20) anos de produções, de 2002 a agosto de 2022. Foram empregadas diferentes palavras-chaves para as buscas e em três idiomas diferentes, Português, Inglês e Espanhol, são elas: *gifted*; talento; *women*; *woman*; *mujeres*; *mulheres*; *high ability*; altas capacidades; altas habilidades/superdotação; dotação, a fim de ampliar a gama de estudos encontrados, para assim, trazer mais qualidade às discussões. Como resultados, foram encontradas discussões extremamente importantes na área, tais quais: a falta de modelos femininos; as mulheres tendem a mascarar suas capacidades; os vieses e estereótipos de gêneros, socialmente instaurados refletem negativamente em suas vidas, assim como, as mulheres são sistematicamente sub-representadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Altas habilidades. Gênero. Mulheres. Adulterez.

**ABSTRACT:** studies in the specialized literature in the area of high abilities indicates a lack of research on the subject of adults, when we refine it to gender topics, more specifically when it comes to studies with women with high abilities, this scenario is even more exiguous. Gender inequalities are historically and culturally established, causing damage to many women's lives even today, It is in this direction that the present paper will seek, through a systematic review, to examine what has been said nationally and internationally on the subject, what are the advances, and the implications in the lives of women with high abilities. The databases used in the study were: Education Resources Information Center (ERIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), *Portal de Periódicos CAPES*, *Revista Educação Especial* (Special Education Journal), and *Revista Brasileira de Educação Especial* (Brazilian Journal of Special Education), comprehending the period of the last twenty (20) years of productions, from 2002 to August 2022. Different keywords were used for the searches in three different languages, Portuguese, English and Spanish, these terms are: *gifted*; *talento*; *women*; *woman*; *mujeres*; *mulheres*; *high ability*; *altas capacidades*; *altas habilidades/superdotação*; *dotação*, in order to expand the range of studies found, and thus bring more quality to the discussions. As a result, extremely important discussions were found in the area, such as: the lack of female role models; women tend to mask their abilities; socially instated gender biases and stereotypes reflect negatively on their lives, and women are systematically under-represented.

**KEYWORDS:** High Abilities. Gender. Women. Adulthood.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: annapsicooliveira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5881-2595>.

<https://doi.org/10.36311/2358-8845.2023.v10n1.p153-168>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, as mulheres representam uma soma de 97.348.809, de acordo com dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE realizado em 2010, no entanto, em termos sociais, as mulheres ainda são consideradas como uma minoria (GUADIANA; CÓRDOVA, 2022). E historicamente as mulheres foram e ainda vem sendo consideradas inferiores ao homem em todos os aspectos, incluindo na capacidade intelectual ou cognitiva (PERALES; GONZÁLEZ; MARTÍNEZ, 2019), no entanto, as especulações baseadas em diferenças evolutivas e biológicas parecem ser insuficientes para explicar as diferenças de gênero no desempenho acadêmico e nas realizações (GHASEMI; BURLEY; SAFADEL; 2019) o que nos leva a pensar que essa problemática tem suas raízes em tônicas sociais.

As universidades por exemplo, até metade do século passado, eram espaços exclusivos da população branca, da elite, e homens (GOMES; MORAES, 2012; CUNHA, 2007; CRUZ, 2012 *apud* SILVA, 2020), e “apesar de esforços legais, a Educação Superior ainda não é um lugar para todos” (SILVA, 2020, p. 3). Oliveira e Orlando (2022) detectaram através dos microdados do Censo do Ensino Superior realizado pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, que em 2019 o número total de mulheres identificadas com altas capacidades na Educação Superior constavam apenas 821 matrículas, número esse, muito irrisório diante do total de matrículas da Educação Superior 12.350.832 deste mesmo ano.

É válido comentar que diante da diversidade de terminologias encontradas na literatura (RANGNI; COSTA, 2011), neste estudo será tratado como altas capacidades para se referir àqueles que demonstram um potencial elevado em qualquer uma das áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade, criatividade e artes (BRASIL, 2008). Worrell, Subotnik, Olszewski-Kubilius, Dixson (2019) destacam por exemplo, que o termo “talento”, também utilizado na área, tem tido significados diferentes ao longo do tempo e é utilizado na área por diversos autores e por vezes com significados dissemelhantes. O termo altas capacidades, é largamente utilizado em estudos fora do Brasil (BENITO, 2009; SIERRA; ROSAL; ROMERO; VILLEGAS; LORENZO, 2013; PERALES, GONZÁLEZ; MARTÍNEZ, 2019), mas é importante deixar claro que independente do termo estamos falando do mesmo público: pessoas com um alto nível de capacidade e desempenho.

Pérez e Freitas (2012) nos advertem que fatores ambientais e situacionais são vinculados à cultura e transmitem estereótipos de papéis sexuais, principalmente para a mulher em relação ao contexto familiar, onde se lhes atribui as responsabilidades familiares, transformando-se num verdadeiro dilema interno entre suas capacidades e seu desenvolvimento pessoal *versus* suas “obrigações” e cuidados à família. As “diferenças” cognitivas e psicológicas, que muitas vezes nada mais são que estereótipos, entre homens e mulheres com altas capacidades permeiam todos os processos de identificação, porém tendem a prejudicar mais a mulher (MASSUDA; ORLANDO, 2019). O processo de identificação das altas capacidades é muito importante tanto para o reconhecimento e desenvolvimento de suas habilidades como para a formação de identidade e aceitação da condição como nos coloca Perez e Freitas (2012), mas de acordo com Reis, Gomes (2011) os processos de identificação reproduzem estereótipos, privilégios socioculturais e socioeconômicos.

Autores como Massuda e Orlando (2019) nos apontam que os meninos formam a parcela mais identificada das altas capacidades, ou mais “facilmente” identificados, indicando a existência de preconceito de gênero e baixas expectativas por parte dos professores em relação às meninas (MASSUDA; ORLANDO, 2019). Este cenário foi encontrado tanto em estudos estrangeiros

quanto na realidade brasileira, denotando a necessidade urgente de formações adequadas sobre a temática, para que sejam capazes de realizar as indicações dos alunos com mais equidade (MASSUDA; ORLANDO, 2019) e sem enviesamentos de caráter, crenças limitantes etc. Ainda a esse respeito, Reis e Gomes (2011 p. 504) nos advertem que “as divisões sociais geradas, reforçadas e mantidas pela escola afetam não somente o desempenho educacional de alunas, mas também suas oportunidades e perspectivas de vida”.

A influência dos educadores é considerada de vital importância para este grupo, não só porque fazem parte do processo de identificação, mas porque suas palavras e ações sejam elas encorajadoras ou desqualificantes sobre o desempenho pessoal e acadêmico das alunas, contribuem para moldar sua autopercepção (PERALES; GONZÁLEZ; MARTÍNEZ, 2019), aspirações e realizações como estudantes, futuras profissionais e cidadãs, mas, percebe-se que há poucos esforços para compreender melhor a influência de vários fatores no desenvolvimento do potencial das mulheres (GUADIANA; CÓRDOVA, 2022).

As mulheres carregam estereótipos sociais e de gênero que não propiciam a sua identificação, que dificultam e/ou impedem-nas de alcançar uma posição de destaque por exemplo (ALENCAR; VIRGOLIM, 2001), e acabam sendo rotuladas como “difíceis” de se identificar (MASSUDA; ORLANDO, 2019), denominado por autores como a síndrome da impostora (PERALES; GONZÁLEZ; MARTÍNEZ, 2019), essa síndrome faz que mulheres passem a duvidar de suas próprias capacidades, e/ou fazerem que os outros duvidem de suas capacidades, afetando consequentemente seu sentimento de pertencer e sua confiança (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2018; PEREZ; FREITAS, 2012). Reis e Gomes (2011) falam também do complexo de Cinderela que seria um “desejo/necessidade de ser salva”.

Desde a infância as mulheres tendem a serem mais organizadas com os cadernos escolares, gostam de cumprir as regras, cumprir o padrão social exigido e na adolescência “as mulheres tendem a valorizar mais as relações sociais, preocupando-se mais em agradar aos outros ou com a aprovação dos outros” (PEREZ; FREITAS, 2012, pp. 682 – 683). Espera-se que os meninos sejam ativos e interajam frequentemente com os professores, enquanto que para as meninas, elas devem ser passivas e receptivas nas aulas (GUADIANA; CÓRDOVA, 2022).

Ainda, Pérez e Freitas (2012) afirmam que às mulheres lhes são associadas características como “virtudes” e as qualidades vinculadas ao feminino são: sensibilidade, intuição, dependência, solidariedade, compreensão, enquanto que para os homens lhes são atribuídos: fortaleza, independência, autonomia, autoconfiança, coragem, tomada de decisões e responsabilidade, em outras palavras a sociedade espera certos comportamentos, padrões cognitivos de homens e não das mulheres (MASSUDA; ORLANDO, 2019). As autoras (PÉREZ; FREITAS, 2012) completam, revelando que as mulheres sentem que ao serem ambiciosas estão sendo egoístas, já Stamm, Niederhauser (2008) alegam que as mulheres sentem menos segurança quanto ao sucesso, e se observamos e compramos as qualidades citadas acima entenderemos o porquê.

Com o avanço à vida adulta, as responsabilidades vão se aumentando, da carreira profissional, das decisões pessoais, e assim, se reduz o tempo hábil para o desenvolvimento de atividades do seu interesse, para as mulheres principalmente, pois, precisam dividir esforços no empenho de multitarefas, dentro e fora do lar (PEREZ; FREITAS, 2012), e como consequência à esse movimento, seguir uma carreira acadêmica, por exemplo, se torna um grande desafio para muitas mulheres, sobretudo, para aquelas que decidem ser mães (REIS, 2002, SILVA, 2020).

O que ocorre é uma divisão arbitrária de “papéis de gênero”, ou seja, são normas que ditam o que seria adequado tanto para mulheres e homens, vestir, dizer, como se comportar, etc., mas esses papéis em nada são funcionais, pelo contrário, fazem com que muitas mulheres sofram diferentes tipos de violência e discriminação (SILVA, 2020). Os papéis são apreendidos, reproduzidos e são introjetados ainda em terna idade em espaços de convívio social, seja no meio familiar, escolar, religioso e assim por diante, quando esse papel a seguir já foi introjetado, os comportamentos passam a ser regulados por ele, e numa espécie de acordo social todos passam a julgar o que é adequado ou não para um comportamento masculino ou feminino (DANTAS; SILVA; CARVALHO, 2014).

Práticas enviesadas pelo gênero, advindas tanto de professores como de pais, podem refletir negativamente na vida adulta das mulheres, condicionando seu desempenho (ANTUNES, 2019), e inclusive, até sua escolha de carreira (MASSUDA; ORLANDO, 2019), e assim, as diferenças que aparentemente podem ser sutis na forma de pensar ou tratar mulheres e homens (REIS; GOMES, 2011; BIAN; LESLIE; CIMPIAN; 2018), se traduzem em desigualdades de nível macro em suas trajetórias profissionais (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2018).

Observamos na literatura uma necessidade de mais estudos com a temática de gênero, especificamente sobre mulheres na área das altas capacidades (OGEDA; PEDRO; CHACON, 2016; MASSUDA; ORLANDO, 2019; OLIVEIRA; ORLANDO, 2022), isso posto nos indagamos, ao falarmos de inclusão que a Educação Especial propõe, quais vozes exatamente damos ouvido e lugar de fala? Uma maneira um tanto óbvia de superar a falta de estudos é a realização de mais pesquisas para entender e impulsionar as discussões sobre a realidade deste grupo social, dando voz a estas mulheres que tanto são esquecidas. Tensionar esse debate “é deslegitimar formas de poder, de exclusão, de dominação, de violência e de silenciamentos” (VERONEZI; RIBEIRO; GOMES, 2022, p. 242). Diante do exposto, a presente pesquisa buscou através de uma revisão sistemática, examinar a produção científica nacional e internacional, explorando quais são os avanços na temática e/ou reflexos na vida das mulheres que possuem altas capacidades.

## MÉTODO

De acordo com Bujes (2007, p. 15 – 16) a pesquisa nasce sempre de uma preocupação “ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com respostas que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis”, esta pesquisa adveio então, de inquietações internas e sociais geradas pela posição que ocupo na sociedade: de mulher e pesquisadora, como Kerr (2000) nos coloca, nós enquanto pesquisadores, temos a tarefa de descobrir as barreiras internas e externas das mulheres com altas capacidades e encontrar meios de superá-las.

Dito isso a pesquisa se caracteriza por uma revisão da literatura, realizada no período de Julho a Agosto de 2022, que segundo Gil (2002, p. 162) a revisão de literatura busca a contextualização teórica do problema que se deseja analisar, mas, “não pode ser constituída apenas por referências ou sínteses dos estudos feitos, mas por discussão crítica do estado atual da questão”. No que concerne a procedimentos metodológicos da pesquisa, foi adotado Costa e Zoltowski (2014) como referencial teórico, ao qual propõe oito (8) etapas básicas: delimitação da questão a ser pesquisada; escolha das fontes de dados; eleição das palavras-chave para a busca; busca e armazenamento dos resultados; seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão

e exclusão; extração dos dados dos artigos selecionados; avaliação dos artigos, e como última etapa, síntese e interpretação dos dados.

As bases de dados utilizadas (segunda etapa) no estudo foram: a) *Education Resources Information Center* (ERIC), ao qual, é uma base de dados bibliográfica na área de Educação patrocinada pelo departamento Norte-Americano de Educação; b) *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), sendo ela uma base nacional que compreende diversas áreas e estudos internacionais também; c) Portal de Periódicos CAPES, que também compreende tanto periódicos e produções nacionais e internacionais das mais diversas áreas, e duas revistas brasileiras especializadas na área da Educação Especial, sendo a e) Revista Educação Especial e a d) Revista Brasileira de Educação Especial, compreendendo um recorte temporal dos últimos vinte (20) anos de produções. Justifica-se a escolha de tais bancos de dados por possuírem uma ampla cobertura de estudos e/ou serem revistas científicas especializadas da área.

Diante da multiplicidade de terminologias na temática das altas capacidades (RANGNI; COSTA, 2011) como apontado anteriormente, optou-se, por utilizar diversos termos e/ou palavras-chaves a fim de encontrar um maior número de trabalhos. As buscas, que compete a terceira etapa do método adotado, se deram através de *strings*, ou seja, um conjunto, combinação de palavras-chaves com a utilização do operador booleano *and*. As palavras-chaves foram: *gifted; talento; women; woman; mujeres*; mulheres; *high ability*; altas capacidades; altas habilidades/superdotação; dotação, já as *strings* foram padronizadas para todas as bases de dados, totalizando nove conjuntos sendo eles: a); *women and talent*; b) *women and high achievement*; c) *women and gifted*; d) *women and high ability*; e) *mujeres and altas capacidades*; f) mulheres *and* talento; g) mulheres *and* altas capacidades; h) mulheres *and* altas habilidades/superdotação; i) mulheres *and* dotação. As palavras-chave estão em três idiomas diferentes, sendo Português, Inglês e Espanhol, no intuito de ampliar a gama de estudos encontrados, para assim, trazer mais qualidade e expressividade às discussões.

Já para a quinta etapa proposta por Costa e Zoltowski (2014), que compete a seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão, foi definido três (3) critérios de inclusão: que os estudos estivessem por completo na base de dados, não somente o resumo; que apresentassem pesquisas ou discussões contemplando a temática pesquisada – mulheres e altas capacidades; e que as pesquisas fossem publicadas nos últimos vinte anos, de 2002 a agosto de 2022. Também foi definido três (3) critérios de exclusão: caso o estudo não pertencesse ao período dos últimos 20 anos; quando não se relacionasse à área ou não apresentasse discussão pertinente com o tema estudado – mulheres e altas capacidades; e quando estivesse somente o resumo disponível na base dados eles seriam automaticamente excluídos.

Num primeiro momento os artigos foram pré-selecionados através do título e resumo, posteriormente foram lidos na íntegra e avaliados através dos critérios de seleção para compor o escopo teórico, os que não cumpriam os critérios e à proposta do estudo foram excluídos. Já para análise e extração dos dados dos artigos selecionados (sexta etapa) foi extraído em um documento *Word*<sup>®</sup> os principais identificadores do estudo (autores, título, ano de publicação), assim como os objetivos, o método empregado e as principais discussões sobre mulheres com altas capacidades que os estudos ofereciam. Já na sétima e oitava etapa, que se referem à avaliação dos artigos e síntese e interpretação dos dados, respectivamente, foi realizada a análise dos dados captados, agrupando as discussões por comparações e temáticas que serão explanados a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 29 artigos encontrados, que foram previamente selecionados, apenas oito (8) foram selecionados para compor o escopo teórico final do estudo por cumprirem com todos os critérios de inclusão e exclusão definidos, aos quais estão expostos no Quadro 1 a seguir.

**Quadro 1** - Relação de artigos selecionados

Artigo	Base de dados	Autores	Ano
'Oh you must be very clever!' High-achieving women, professional power and the ongoing negotiation of workplace identity	CAPES	Gill, Judith; Mills, Julie; Franzway, Suzanne; Sharp, Rhonda.	2008
Práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdades: A sub-representação de meninas entre alunos superdotados	CAPES	Reis, Ana Paula Poças Zambellidos; Gomes, Candido Alberto.	2011
A mulher com altas habilidades/superdotação: À procura de uma identidade	SciELO	Pérez, Susana Graciela Pérez Barrera; Freitas Soraia Napoleão.	2012
Sobredotação no feminino, um oxímoro ultrapassado? Incurção pelo estado da arte	SciELO	Antunes, Ana Pereira	2019
Evidence of Bias Against Girls and Women in Contexts That Emphasize Intellectual Ability	CAPES	Bian, Lin; Leslie, Sarah-Jane; Cimpian, Andrei.	2018
<i>Alta capacidad y género: La autoestima como factor influyente en las diferencias entre sexos</i>	CAPES	Perales, Ramón García; González, Inmaculada Canuto; Martínez, Antonio Cebrían.	2019
Temas em altas habilidades/superdotação na perspectiva de género: um estudo de revisão sistemática	Revista Educação Especial	Massuda, Mayra Berto; Orlando, Rosimeire Maria.	2019
Revisión de la literatura sobre el tema de la influencia del género en la identificación y desarrollo de alumnas talentosas.	Revista Brasileira Educação Especial	Guadiana, Emilio Salas; Córdova, Katherina Gallardo.	2022

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados encontrados.

De acordo com os resultados encontrados, percebe-se que as pesquisas se orientaram mais em discutir temas como identidade, estereótipos, aspectos pessoais, familiares e profissionais e foram realizadas mais pesquisas de revisões (MASSUDA; ORLANDO, 2019; ANTUNES, 2019; GUADIANA; CÓRDOVA, 2022) seguidas de estudo de caso com entrevistas (GILL; MILLS; FRANZWAY; SHARP, 2008; REIS; GOMES, 2011; PÉREZ; FREITAS, 2012), e finalmente, pesquisas experimentais com caráter quantitativo e descritivo (PERALES; GONZÁLEZ; MARTÍNEZ, 2019; BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2018).

O país com maior predominância de pesquisa na temática foi o Brasil (MASSUDA; ORLANDO, 2019; REIS; GOMES, 2011; PÉREZ; FREITAS, 2012), e todos os demais países permaneceram com apenas um estudo: sendo Austrália (GILL; MILLS; FRANZWAY; SHARP, 2008), Espanha (PERALES; GONZÁLEZ; MARTÍNEZ, 2019), Estados Unidos (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2018), Portugal (ANTUNES, 2019) e México (GUADIANA; CÓRDOVA, 2022).

Outro resultado interessante encontrado foi que a *string* que mais resultou estudos foi “*women and talent*” por outro lado, os termos ou palavras-chave que menos apresentaram estudos foi “mulheres *and* dotação”. A base de estudos que mais produziu resultados foi o Portal de Periódicos CAPES com quatro (4) estudos incluídos na pesquisa, e por último, a base de dados que menos

agregou foi a ERIC, não sendo incluído nenhum estudo. A seguir serão apresentados os estudos com um breve resumo da pesquisa e algumas das discussões apresentadas por eles.

Gill, Mills, Franzway e Sharp (2008) trazem em sua pesquisa entrevistas com 51 engenheiros, sendo 41 mulheres e 10 homens, provenientes de áreas rurais e urbanas da Austrália. A inclusão dos homens foi proposital para verificar se os comentários eram influenciados pelo gênero do (a) informante. As entrevistas eram sobre a experiência e a qualidade de trabalho na engenharia, buscando analisar as práticas discursivas do dia-a-dia, dos processos de sexualização de gênero, onde as mulheres são posicionadas como “outras” nos locais de trabalho, e necessariamente menos do que a “imagem masculina” que paira sobre a engenharia.

As perguntas das entrevistas eram sobre as razões que os (as) levaram escolher a engenharia como campo de atuação; os fatores que tinham facilitado ou dificultado o seu avanço profissional; como era trabalhar naquele local; como haviam chegado à engenharia; o que eles (as) gostavam sobre seu trabalho; quais eram os desafios e também se viam progresso de carreira. As respostas dos (as) participantes foram transcritas e analisadas, e verificaram diferenças nos relatos entre os homens e as mulheres, por exemplo, ao falar sobre seu sucesso em matérias escolares da área, a maioria das mulheres (34/41) relataram ter boas notas e diziam que era algo considerado incomum porque eram do sexo feminino, já os homens eram menos propensos a mencionar habilidades nas mesmas matérias escolares da área.

A maioria das mulheres possuíam idades entre 20 a 30 anos, e muitas eram a única mulher do local de trabalho, ou então faziam parte de uma minoria de mulheres. Outro resultado interessante da pesquisa, foi que a maioria das mulheres (36/41) se percebiam como incomuns, diferentes, que não se encaixavam, e essa diferença, às vezes, era motivo de orgulho, já outras, trazia consigo uma sensação de isolamento.

Mas o que mais nos chama a atenção nesse estudo é a questão da identidade, onde algumas mulheres negociavam suas identidades, pois a ideia de serem mulheres e engenheiras eram “opostas”, logo, optavam conscientemente pela posição de apenas engenheira, cabe comentar que a palavra “*engineer*” em inglês é neutra de gênero, em outras palavras, as mulheres negavam sua feminilidade, sua condição de mulher em ordem a ser igual, aceita (pela maioria masculina) e respeitada como profissional. Já outras mulheres, que eram casadas com engenheiros, assumiam uma espécie de identidade profissional compartilhada, e outras ainda, eram tratadas por seus colegas como “filhas”, “esposas” ou até mesmo “mães” e esses papéis lhes permitiam manter sua singularidade de mulher dentro do local de trabalho, que majoritariamente era masculino.

As autoras (GILL; MILLS; FRANZWAY; SHARP, 2008) nos revelam que algumas das participantes resolveram assumir uma personalidade “masculina” dentro do seu trabalho na engenharia, no esforço de serem aceitas, legitimadas, para pertencer no local de trabalho e se encaixar naquele ambiente totalmente “masculino”, fazendo desaparecer sua subjetividade feminina, mesmo diante de mostrarem que são capazes de “fazer o trabalho”. Outras mulheres ainda, optaram por acentuar sua feminilidade, mas para a maioria das mulheres entrevistadas (28/41), nem assumir a posição de “um dos homens” e nem tendo os atributos de “mulher bonita” permitiam um local confortável, tendo que estar em constante negociação de seu lugar em termos de ser uma profissional engenheira e mulher, como as autoras bem colocam “*a Faustian bargain*” mas sem nunca poder vencer esse jogo.

Reis e Gomes (2011) em sua pesquisa nos instigam com uma pergunta simples, mas provocativa: Por que um programa de altas capacidades tem ampla predominância de meninos,

quando as meninas são maioria no total de matrícula do ensino regular? Os autores através de uma pesquisa de campo exploratória, com a utilização de entrevistas individuais semiestruturadas e *check-list*, buscam verificar se são detectados mais meninos do que meninas, mas por quê; apontar quais são os critérios utilizados pelos professores para identificar as altas capacidades; identificar na percepção dos professores e dos psicólogos os motivos da sub-representação de meninas no Programa de Atendimento ao Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. Os participantes foram 16 profissionais, sendo quatro (4) do sexo masculino e 12 do sexo feminino, todos são responsáveis pelo diagnóstico e pela permanência desses alunos numa rede escolar pública urbana.

Inicialmente fizeram um levantamento de dados acerca do número de alunas e alunos participantes das salas de recursos do programa, no período de 2002 a 2007, e então, selecionaram a área geográfica onde existia menor representação de alunas. Para a análise, a técnica escolhida foi a análise de conteúdo de Bardin, e mencionam “as medidas estatísticas descritivas calculadas por meio de programas computacionais (REIS; GOMES, 2011, p. 511)” sem explicitar, no entanto, quais foram os programas utilizados. Como resultados, identificaram que os profissionais do ensino regular fazem maior diferenciação entre meninos e meninas do que os profissionais das salas de recursos como podemos observar em alguns excertos do texto “Então, será que eu consigo ter sobre a menina um olhar diferenciado, eu acho que a gente se identifica com essa menina e, de repente, como a gente não se autoriza, não dá a essa menina autorização...” (REIS, GOMES, 2011, p. 515).

Eu acho que o menino..., ele é mais autorizado a se expor. A menina não..., tem que ser mais quietinha, mais educadinha... se ela se expõe muito, é muito “saidinha”, é muito exibida – isso é malvisto. O menino não, é porque ele é inteligente... Se, para o menino, eu ressalto uma característica que pode até ser interessante, para a menina já é negativa... culturalmente, socialmente, a gente autoriza o menino a isso e a menina não (REIS; GOMES, 2011, p. 516).

Outras falas interessantes em que observamos a percepção delas em relação aos vieses e padrões socialmente instaurados foram “Somos maioria na Secretaria, professoras, o que está implícito aí é uma repetição de padrão cultural... A gente é ensinada a valorizar, a enxergar mais o homem, e a gente termina repetindo esse padrão” e segue a mesma linha de raciocínio em outro comentário diferente “A gente foi educada socialmente e historicamente para entender e prestar atenção. A habilidade da mulher era ficar em casa e cuidar das crianças. [...] a gente é educada para leitura e para o bordado” (REIS; GOMES, 2011, p. 516).

A problemática apresentada aqui segue o mesmo padrão em muitos comentários (infelizmente), pois mostra o quanto os vieses são estruturais e são passados à frente, lesando o processo de identificação de muitas meninas “E aí a menina, talvez, só quando ela faz algo, muito... extraordinário, para poder alguém olhar...” (REIS; GOMES, 2011, p. 517).

Pérez e Freitas (2012) através de uma entrevista e da aplicação de seu Questionário Individual para a Identificação de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação em adultos (QIIAHS – Adulto) 1ª e 2ª Fonte, procuraram revisitar a história de duas mulheres que ainda relutavam com a identidade de mulher adulta indicada com altas capacidades. A entrevista tinha um roteiro de questões abertas e objetivava captar uma breve história de vida das participantes, que refletissem seus aspectos pessoais, familiares, escolares, laborais e interpessoais. Como resultados, perceberam contradições nas falas das mulheres e que ainda ocultavam as características e/ou indicadores das suas altas capacidades. Na mesma direção, no que diz respeito à identidade, evidenciam que uma autoestima muito baixa, faz que as mulheres não atribuam seu sucesso a seu

próprio esforço, à vista disso, não se reconhecem como pessoa com altas capacidades, e tratam como algo “imerecido” ou “acidental” por sorte, sendo esta, uma das barreiras internas mais alarmantes.

Antunes (2019) realizou uma revisão da literatura na base de dados PSICINFO, buscando produções de 2011 a 2016 que tratassem de discutir a temática da mulher com altas capacidades. A autora relata em seu estudo, achados de Heilbronner (2013) que expõe que uma grande proporção de mulheres mais velhas acaba abandonando a área das STEM (acrônimo para *Science Technology Engineering and Mathematics*) devido à falta de horário flexível e à necessidade de corresponder às responsabilidades familiares, além do que, autores como Gill, Mills, Franzway e Sharp (2008), Reis e Gomes (2011), Kerr, Vuyk, Rea (2012), Massuda, Orlando (2019) Guadiana e Córdova (2022), declaram que nas STEM são áreas “masculinas”, assim como na criatividade, nas áreas técnicas ou científicas (STAMM; NIEDERHAUSER, 2008; MASSUDA; ORLANDO, 2019), e inclusive na filosofia (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2018), que geralmente, são campos dominados por homens. E o destaque feminino estariam nas áreas verbais, linguagem, artes visuais, desenvolvimento socioemocional (MASSUDA; ORLANDO, 2019). A esse respeito, Guadiana e Córdova (2022) nos indicam que a exposição a estereótipos negativos sobre suas capacidades, raça, aparência física, ou tendência à ciência reduz sua confiança em sua capacidade de obterem sucesso nestas áreas.

Já Bian, Leslie e Cimpian (2018) apresentam um parâmetro diferente do encontrado até aqui, em 2015 nos Estados Unidos as meninas constituíam mais da metade das crianças em programas de altas capacidades, e em 2017 as taxas mais altas de formandos na faculdade eram de mulheres, da mesma forma que em programas de mestrado e doutorado. No entanto, mostram que há diferenças no tratamento entre homens e mulheres, desta forma, os autores realizam uma pesquisa experimental buscando responder a seguinte pergunta: existem vieses contra as mulheres nas indicações para empregos que exigem uma capacidade intelectual de alto nível? Para responder à pergunta foram realizados três (3) experimentos, o primeiro e o segundo experimento buscaram suporte para a hipótese da existência de um viés/preconceito contra as mulheres em contextos em que a capacidade era saliente. Já no experimento 3, os autores exploraram as raízes deste viés, pois, verificando se existem mesmo esses “vieses de gênero” ou um tratamento diferenciado entre mulheres e homens em contextos em que mulheres e homens não diferem de suas capacidades nos chamados “*genius fields*” como colocam os autores, e se o viés de gênero fosse presente nestes contextos.

Os autores ainda explicam que o “brilhantismo”, ou *brilliance* como colocam, pode ser visto como um pré-requisito para muitos cargos de prestígio, prêmios de alto nível, etc., e quanto mais “honra” estiver envolvido, mais forte pode ser a expectativa de que a pessoa possua uma capacidade intelectual excepcional, independentemente da área, e colocam que os estereótipos de associarem o brilhantismo natural com homens surge ainda na infância, logo na primeira série (BIAN; LESLIE; CIMPIAN, 2017). Assim, buscam em sua pesquisa testar se em contextos que enfatizam a capacidade intelectual geram preconceitos de gênero mesmo entre as crianças pequenas (experimento 3).

O experimento 1 contou com um total de 347 participantes com idade média de 35 anos, sendo 59.7% mulheres. O segundo contou com 811 participantes americanos, sendo 55.2% mulheres de idade média de 41 anos. Os autores também buscaram verificar a variável da etnia, sendo 55.4% dos participantes brancos não hispânicos, 31.9% negros não hispânicos, 4.7% asiáticos, 4.2% hispânicos, e 0.5% indígenas americanos/nativos do Alasca. Já o terceiro experimento contou com N de 192 crianças (50.0% meninas 50.0% meninos) com idade de 5 a 7 anos, 69% das crianças

eram brancas não-hispânicas, 9% asiáticas-americanas, 5% negras não hispânicas, 3% latinas ou hispânicas, 1% outro (os pais não especificaram), e 12% multirracial.

As análises dos experimentos contaram com análises estatísticas de probabilidade, frequência, metanálise e usaram também a regressão do brms – R (*Bayesian multilevel models*), como resultados, encontraram nos três (3) experimentos realizados um viés de desenvolvimento precoce contra meninas e mulheres em circunstâncias onde a capacidade intelectual é considerada essencial para o sucesso. Os participantes, independentemente do sexo, tinham menos probabilidade de indicar mulheres para uma posição que exigia capacidade intelectual. Este viés também foi encontrado no experimento 2 que contava com uma amostra maior e mais diversificada, e no experimento 3 também com crianças de 5 a 7 anos de idade. No experimento 3 as crianças deveriam selecionar colegas de equipe para um jogo, no início, selecionaram colegas de equipe de seu próprio sexo, mas, quando a atividade era descrita para crianças que são “*really, really smart*”, exigindo inteligência, escolheram menos meninas, este resultado, portanto, se figura como uma parte importante da explicação do porquê as mulheres são sub-representadas nas altas capacidades.

Um último ponto que os autores trazem na discussão, é a que questão dos modelos, pessoas que deram grandes contribuições para a sociedade, ou modelos de cargos maiores, com grandes responsabilidades, e que talvez os homens tenham indicado mais homens por terem mais modelos masculinos, Perez e Freitas (2012) também tratam desta questão dos modelos, nos comentando que ao solicitarmos a qualquer um citar grandes nomes da humanidade, poucos ou quase nenhum desses nomes serão de mulheres, esse desconhecimento de modelos femininos de sucesso, é muito preocupante, especialmente em áreas dominadas por homens como nas STEM. O que acontece é que em todas as áreas sempre houve mulheres que se destacaram (PEREZ; FREITAS, 2012) mas baseado em algumas discussões até aqui, podemos hipotetizar que devido a preceitos sociais e construtos patriarcais a história dessas mulheres brilhantes são apagadas, sobrepujadas por homens. A falta de modelos femininos também foi observada no estudo de Gill, Mills, Franzway e Sharp (2008, p. 232) na fala de uma das participantes “*More female role models... we never had any female tutors or that... Any reference to engineers in the texts was always male*”.

Essa questão dos modelos recai diretamente na formação da identidade da mulher, que por falta deles, não identifica as altas capacidades como parte da sua identidade pessoal, não permitindo assim, que se elabore sua autoimagem (visão pessoal que tem de si mesma) ou uma autoimagem positiva de ser uma mulher com altas capacidades, a autoimagem por sua vez, está relacionada diretamente com a autoestima, e uma baixa autoestima, pode ser a causa de cobranças exacerbadas, culpa, ansiedade, depressão, insatisfação pessoal, frustração, entre outros, e isso pode barrar o processo de desenvolvimento das suas capacidades (PERALES; GONZÁLEZ; MARTÍNEZ, 2019). Massuda, Orlando (2019) relatam que as meninas pareceram mais suscetíveis a ter um baixo autoconceito, principalmente quando associado à uma comparação social. E quando essa representação ou autoimagem é carregada de sentimentos negativos ou repleta de mitos em relação às com altas capacidades, isso pode fazer com que ela “decida mascarar a sua identidade individual, de “outro”, para não ter censurada sua identidade “coletiva” (PEREZ; FREITAS, 2012, p. 682). As autoras ainda explicam que assumir a identidade de mulher com altas capacidades implica em negar a identidade de mulher “normal” e assumir-se diferente, “esse processo é muito doloroso, já que o outro não contribui dialeticamente para a construção de si mesmo, mas é um parâmetro de exclusão” (PEREZ; FREITAS, 2012, p. 682).

Quanto a ideia de alto padrão, que foi trazida no estudo de Bian, Leslie e Cimpian (2018), com o uso das palavras “*genius fields*” e “*brilliance*” é importante se atentar que muitas

vezes, esse alto padrão pode emergir/gerar um perfeccionismo ou expectativas exacerbadas que não contribuem para a formação da identidade das pessoas com altas capacidades “pois só colocam nas suas costas expectativas exageradas e inalcançáveis, especialmente para aquelas que não têm oportunidades devido a um ambiente pouco favorável” (PÉREZ, 2007, p. 94).

Ainda seguindo com o tema da autoestima, o estudo de Perales, González, Martínez (2019), que através de uma pesquisa experimental com caráter quantitativo e descritivo, buscaram analisar as diferenças entre os sexos de 118 meninos e meninas (67 e 51 respectivamente) com idade entre 9 a 12 anos, analisando-os a autoestima, as desigualdades de acordo com o sexo (meninos ou meninas) na Educação, dando mais ênfase nas discussões para aqueles que são identificados com altas capacidades.

Os autores supracitados iniciam o estudo já abordando a questão da menor incidência de meninas com altas capacidades nas estatísticas do governo espanhol divulgados pelo Ministério de Educação Cultura e Esporte – MECD, e pautam suas discussões na autoestima e constructos da personalidade como variáveis de análise, para tentar explicar a discrepância entre os sexos, que no caso das mulheres, podem minimizar significativamente seu desempenho. Como resultados encontrados, através de análises estatísticas feitas no programa *IBM SPSS Statistics* (versão 22.0) e realizando uma prova de comparação de médias (ANOVA), apontam, que as mulheres obtiveram pontuações mais baixas na autoestima, assim como também se observou que as alunas com altas capacidades mostraram níveis de autoestima mais baixos que os alcançados por seus pares do sexo masculino.

No estudo de Massuda e Orlando (2019), as autoras realizaram uma pesquisa de revisão sistemática no período de 2007 a 2016 em duas (2) bases de dados, a SciELO, e no Portal de Periódicos CAPES, com o objetivo de conhecer a produção científica nacional e internacional das altas capacidades vinculadas às questões de gênero. Como resultados, notaram a prevalência de três (3) grandes temáticas nos estudos: diferenças entre gêneros; os estereótipos de gênero e aspirações profissionais. Observou-se diversas consequências da pressão social que as mulheres com altas capacidades sofrem para corresponder a papéis socialmente demarcados, assim como, a influência negativa que o fator de gênero exerce nas escolhas profissionais das mulheres. Essa escolha se torna um tema polêmico para debate à medida que entendemos o quanto os estereótipos, já apresentados anteriormente, podem afetar a vida de muitas meninas que crescem num ambiente social onde existem carreiras ditas “adequadas para o gênero feminino”, onde até os pais tendem a direcionar suas filhas com altas capacidades para a área/carreira das ciências humanas e sociais, e não das STEM.

Bian, Leslie e Cimpian (2018) exprimem que comentários ou comportamentos tendenciosos dos pares podem excluir meninas de certas atividades, privando-as da oportunidade de desenvolver as habilidades necessárias para prosseguir carreiras naquele domínio, podendo reduzir o leque de carreiras que elas podem considerar seguir por questões de afinidade, e num terceiro cenário ainda, pode fazer com que as mulheres se tornem mais propensas a se desligar da área mais tarde.

Massuda e Orlando (2019, p. 10) também comentam o resultado encontrado por Miller, Falk e Huang (2009), que abordam essa questão dos papéis sociais, dizendo que se “não fossem definidos pelo gênero, os traços de personalidade poderiam ser valorizados mais apropriadamente”, em outras palavras, tanto meninas quanto meninos seriam mais livres para se expressar, “independentemente das normas tradicionais de gênero, confiando na singularidade de

sua identidade” lembrando que tanto os professores como os pais acabem tendenciando esse “papel social” de cada gênero (MASSUDA; ORLANDO, 2019, P. 10) .

Guadiana e Córdova (2022) também realizaram uma revisão sistemática para conhecer o estado da arte da temática de gênero e altas capacidades, os autores buscaram a influência do gênero na identificação e desenvolvimento educacional de estudantes do sexo feminino. A pesquisa foi realizada em três (3) bases de dados (*Scopus, Web of Science e Proquest ERIC*) buscando estudos realizados entre o período de 2010 a 2020. A partir dos resultados encontrados, propuseram responder a três (3) questões centrais a) quais são os estereótipos de gênero que influenciam na identificação de estudantes talentosos por parte de seus professores? b) como o desempenho acadêmico influencia na autopercepção de alunas talentosas? c) quais são os estereótipos de gênero que os pais e professores manifestam e que influenciam na escolha de carreira das mulheres talentosas? A sub-representação de mulheres em programas de atendimento educacional especializado também foi um tópico abordado pelos autores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a problematização apresentada a partir do universo de pesquisas encontradas, conclui-se que são discussões extremamente importantes na área, tais quais: a falta de modelos femininos; as mulheres tendem a mascarar suas capacidades; os vieses e estereótipos de gêneros, socialmente instaurados, que podem refletir negativamente em suas vidas, assim como, foi constatado em vários estudos que as mulheres são sistematicamente sub-representadas, e esta sub-representação começa ainda em tenra idade.

Alguns estudos nos trouxeram a importante discussão do pertencimento, da identidade e que quando associamos a particularidade de ser mulher com altas capacidades, muitos vieses e estereótipos se envolvem, tornando-se um complexo ser ou não ser. E esses vieses e estereótipos influenciam diretamente no seu autoconceito, na percepção de suas capacidades, na identidade, e como resultado disso tudo, muitas mulheres negam seu potencial superior em ordem a corresponder às expectativas alheias, ou abstêm suas preferências para cumprir funções, “papéis” que lhes foram determinados.

Acredito que para atingir a igualdade de gênero seja na identificação ou atendimento dessas mulheres, é imprescindível que haja mudanças culturais maciças, tanto na forma de trabalho, atendimento, quanto no pensamento coletivo, pois, as barreiras enfrentadas pelas meninas/mulheres são sistêmicas, e podem inibir todo seu potencial, silenciando-as. Faz-se necessário então tomar providências para minimizar essas discriminações e barreiras, para que elas não precisem mais adotar táticas para lidar com um mundo que tanto as discriminam, para que não precisem apenas sobreviver ou criar uma persona totalmente diferente do seu verdadeiro *self*.

Diante do obtido, assevera-se a necessidade da realização de mais estudos sobre a temática de altas capacidades em mulheres, justificando-se no número baixo de produções encontradas, além de indicar mais estudos sobre modelos femininos. Ratifica-se que as pesquisas sejam dos mais diversos métodos, a fim de ampliar as discussões, os olhares científicos sob a temática, mas em específico, para pesquisas de revisão como esta, sugere-se diversificar os critérios de busca e de seleção dos artigos para talvez incorporar outros estudos nas buscas, assim como, sugere-se diversificar os idiomas, as bases de dados, e o recorte temporal.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano; VIRGOLIM, Angela Magda Rodrigues. (2001). Dificuldades emocionais e sociais do superdotado. In ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. **Criatividade e educação dos superdotados**. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 174 – 205, 2001.
- ANTUNES, Ana Pereira. Sobredotação no feminino, um oxímoro ultrapassado? Incursão pelo estado da arte. **Psicologia em estudo**, Minho, Portugal, v. 24, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/jNjd6rWVHGW5bftbzDwkxtp/?lang=pt>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.
- BENITO, Yolanda Mate. **Superdotación y Asperger**. Madrid: EOS, 2009.
- BIAN, Lin; LESLIE, Sarah-Jane; CIMPIAN, Andrei. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. **Science**, v. 355, pp. 389 – 391, 2017. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.aah6524>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.
- BIAN, Lin; LESLIE, Sarah-Jane; CIMPIAN, Andrei. Evidence of Bias Against Girls and Women in Contexts That Emphasize Intellectual Ability. **American Psychological Association**, v. 73, n. 9, pp. 1139 – 1153, 2018. Disponível em: <https://www.princeton.edu/~sjleslie/Evidence%20of%20Bias.pdf>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.), **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**, Rio de Janeiro: Lamparina, pp. 13 – 34, 2007.
- COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, Sílvia Helena; COUTO, Maria Clara Pinheiro de Paula; HOHENDORFF, Jean Von (Orgs.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, p. 55 – 70, 2014.
- DANTAS, Taisa Caldas. SILVA, Jackeline Susann Souza da. CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Entrelace entre Gênero, Sexualidade e Deficiência: Uma História Feminina de Ruptura e Empoderamento. **Revista Brasileira de Educação Especial**, São Paulo, v. 20, n. 4, pp. 555 – 568, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/bV7h6MQqf7VyQ5Y93RYrBdw/?lang=pt#:~:text=Os%20discursos%20estereotipados%20sobre%20a,sociais%20negativas%20a%20seu%20respeito>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.
- GHASEMI, Ehsan; BURLEY, Hansel; SAFADEL, Parviz. Gender Differences in General Achievement in Mathematics: An International Study. **New Waves Educational Research & Development**, v. 22, n. 1, pp. 27 – 54, agosto, 2019. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1229446.pdf>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GILL, Judith; MILLS, Julie; FRANZWAY, Suzanne; SHARP, Rhonda. 'Oh you must be very clever!' High-achieving women, professional power and the ongoing negotiation of workplace identity. **Gender and Education**, v. 20, n. 3, pp. 223 – 236, maio 2008. Disponível em: Acesso em: 13 de outubro de 2022.
- GUADIANA, Emilio Salas; CÓRDOVA, Katherina Gallardo. Revisión de la literatura sobre el tema de la influencia del género en la identificación y desarrollo de alumnas talentosas. **Revista Brasileira Educação Especial**, Corumbá, v. 28, pp. 365 – 378, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/HhgW5mNXmkHGMHmQ7J4Tyx/abstract/?lang=en>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=destaques>>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

KERR, Barbara. Guiding Gifted Girls and Young Women. In: HELLER, K. A.; MÖNKES, F. J.; SUBOTNIK, R.; STERNBERG, Robert. *International Handbook of Giftedness and Talented*. 2. ed. Oxford: Elsevier Science, p. 649 – 657, 2000.

KERR, Barbara; VUYK, Alexandra; REA, Christopher. Gendered practices in the education of gifted girls and boys. **Psychology in the Schools**, v. 49, n. 7, pp. 647 – 655, 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/pits.21627>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

MASSUDA, Mayra Berto; ORLANDO, Rosimeire Maria. Temas em altas habilidades/superdotação na perspectiva de gênero: um estudo de revisão sistemática. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, pp. 1 – 21, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/26398>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

OGEDA, Clarissa Maria Marques; PEDRO, Ketilin Mayra; CHACON, Miguel Cláudio Moriel. A sub-representação da mulher no universo da superdotação. In: I Congresso Internacional De Educação Especial e Inclusiva 13ª. Jornada de Educação Especial, Marília, 2016. **Anais...** Marília: UNESP, 2016. Disponível em: <http://jee.marilia.unesp.br/jee2016/cd/arquivos/108177.pdf>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Ana Paula Santos; ORLANDO, Rosimeire Maria. Perfil de estudantes com altas capacidades na educação superior: Uma análise a partir dos indicadores educacionais. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, pp. 1 – 11, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28697/25127> Acesso em: 13 de outubro de 2022.

RANGNI, Rosemeire de Araújo; COSTA, Maria Piedade Resende da. Altas habilidades/superdotação: Entre termos e linguagens. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 24, n. 41, pp. 467 – 482, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3131/313127403011.pdf>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

REIS, Sally Morgan Internal barriers, personal issues, and decisions faced by gifted and talented females. **Gifted Child Today**. n. 25, pp. 14 – 28, 2002. Disponível em: [https://gifted.uconn.edu/schoolwide-enrichment-model/internal\\_barriers\\_gifted\\_females/#](https://gifted.uconn.edu/schoolwide-enrichment-model/internal_barriers_gifted_females/#). Acesso em: 13 de outubro de 2022.

REIS, Ana Paula Poças Zambelli dos; GOMES, Candido Alberto. Práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdades: A sub-representação de meninas entre alunos superdotados. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, pp. 503 – 519, maio-agosto/2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/FLYzD4cthPrwXdnzwwSFcVvk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

SIERRA, Maria Dolores Valadez; ROSAL, Maria África. Borges; ROMERO, Norma Ruvalcaba; VILLEGAS, Karina; LORENZO, Maryurena. Emotional intelligence and its relationship with gender, academic performance and intellectual abilities of undergraduates. **Electronic Journal of Research in Educational Psychology**, v. 11 n. 2, pp. 395 – 412, 2013. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2013-40814-005>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

SILVA, Jackeline Susann Souza. A sombra da discriminação e as barreiras de gênero no cotidiano de mulheres com deficiência na universidade. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 33, p. 1 – 24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/3831>. Acesso em: 11 jul. 2022. Disponível em: Acesso em: 13 de outubro de 2022.

STAMM, Margrit; NIEDERHAUSER, Michael. Exceptionally gifted women in vocational training. **European journal of vocational training**, n. 45, pp. 109 – 120, 2008. Disponível em: Acesso em: 13 de outubro de 2022.

PERALES, Ramón García; GONZÁLEZ, Inmaculada Canuto; MARTÍNEZ, Antonio Cebrián. Alta capacidad y género: La autoestima como factor influyente en las diferencias entre sexos. **Contextos Educativos**, n. 24, 77 – 93, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7114185>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. O adulto com Altas Habilidades/Superdotação: um sapo de outro poço? In: MORAES, Salete Campos. **Educação Especial na EJA: contemplando a diversidade**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/ Secretaria Municipal de Educação, 2007, pp. 85 – 103.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera; FREITAS, Soraia Napoleão. A mulher com altas habilidades/ superdotação: À procura de uma identidade. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 18, n. 4, pp. 677 – 694, Out.-Dez., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/qCDKRWPRqGSnZSsyRtxCCvm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

VERONEZI, Daniela Priscila de Oliveira; RIBEIRO, Geisa Müller de Campos; GOMES, Suely Henrique de Aquino. Mulheres com deficiência na docência brasileira. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/195794>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

WORRELL, Frank C.; SUBOTNIK, Rena F.; OLSZEWSKI, Kubilius, Paula; DIXSON, Dante D. Gifted Students. **Annual Review of Psychology**, v. 70, pp. 551 – 576, 2019. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-psych-010418-102846>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela concessão de financiamento de estudos, configurando-se como um fator primordial para o incentivo e desenvolvimento científico em nosso país. O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES com o nº de Processo: 23038.006212/2019-97, nº do Auxílio: 0542/2019.

